

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): ROSEMARY BARBOSA DA SILVA MOURA

A SINGULARIDADE DOS ESTILOS DE APRENDIZAGEM: A HETEROGENEIDADE QUE POTENCIALIZA O APRENDER¹

Resumo

Esta pesquisa aborda os estilos de aprendizagem discente buscando encontrar a singularidade de cada sujeito a partir de sua heterogeneidade que potencializa o aprender. O objetivo geral é identificar a singularidade do estilo de aprendizagem dos alunos com melhores rendimentos acadêmicos do bacharelado em Administração do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais - Campus Pirapora e como esta potencializa o desejo de aprender. Os objetivos específicos são: apontar aspectos singulares dos sujeitos em sua forma de aprender; analisar nos perfis dos estudantes exitosos o que há de singular em sua forma de aprender; entender como cada estudante aprende e como potencializa o desejo de aprender. É uma pesquisa qualitativa com o estudo de caso, empregando entrevista semiestruturada. Os resultados parciais mostram que não se sabe como uma pessoa aprende, portanto não existem formas para ensinar; o saber é temporal e rizomático; o desejo de aprender é uma potência inerente a cada aprendiz.

Palavras-Chave: Aprender; Estilos de aprendizagem; Heterogeneidade.

Introdução

Existe uma vasta bibliografia sobre a aprendizagem e seus estilos, por serem temas amplamente discutidos pela comunidade científica sob diferentes prismas há algumas décadas. Alguns pesquisadores, mais tradicionais, têm buscado em seus trabalhos validar os inventários de estilos de aprendizagem, outros investigam os impactos dos estilos de aprendizagem no desempenho acadêmico dos discentes e suas contribuições para alavancar o processo de ensino e aprendizagem e por fim existem estudiosos que se dedicam a relacionar os estilos de aprendizagem a metodologia ou técnicas de ensino.

Assim sendo, decidimos abordar os estilos de aprendizagem enquanto ferramenta que torna singular e potencializa a forma de aprender de cada aluno e desse jeito conduz a Educação a um horizonte de caminhos múltiplos. Para tanto, faremos um contraponto das teorias dos estilos de aprendizagem através da aproximação de algumas obras do filósofo francês Gilles Deleuze.

O problema da pesquisa é qual a singularidade do estilo de aprendizagem dos alunos com melhores rendimentos acadêmicos do bacharelado em Administração do Instituto Federal do Norte de Minas Gerais (IFNMG) - Campus Pirapora - e como esta potencializa o desejo de aprender?

Objetivo Geral é identificar a singularidade do estilo de aprendizagem dos alunos com melhores rendimentos acadêmicos do bacharelado em Administração do IFNMG - Campus Pirapora - e como esta potencializa o desejo de aprender. E os objetivos específicos são: a) Apontar aspectos singulares dos sujeitos (alunos do curso de bacharelado em Administração) em sua forma de aprender; b) Analisar nos perfis dos estudantes exitosos o que há de singular em sua forma de aprender; c) Entender como cada estudante aprende e como potencializa o desejo de aprender.

A escolha do tema justifica-se pela necessidade de entender a razão das inúmeras desistências e abandonos que alguns cursos do Instituto Federal do Norte de Minas (IFNMG) experimentavam. Assim sendo, identificamos na temática “Estilos de aprendizagem” um possível caminho para compreender tais problemas.

O interesse em aprofundar os conhecimentos sobre os estilos de aprendizagem para Felder e Silverman (1988) se justifica pela necessidade de conhecer os estilos de aprendizagem dos alunos e o estilo de ensinar dos professores. Pois, é preciso compatibilidade entre os estilos de aprendizagem dos alunos e o estilo de ensino do professor. Alunos podem se tornar desinteressados e desatentos com o conteúdo, causando um déficit de aprendizagem, desinteresse pelo curso, obtenção de resultados negativos nos testes de verificação da aprendizagem e possíveis evasões.

Para Cerqueira (2000, p. 28), aprendizagem “é um processo pessoal, que implica em mudanças e que dura toda a vida, merece ser melhor conhecida e estudada”. E os autores José Barros e Antônio Barros (1996) nos ajudam a compreender a evolução do estudo da aprendizagem:

- ✓ até a metade do século XX sob a influência do behaviorismo entendeu-se a aprendizagem basicamente como aquisição de respostas. Neste cenário o papel do professor consistia em garantir que os alunos não cometessem erros e cumprissem as tarefas de aprendizagem de forma assertiva e em curto espaço de tempo. O resultado desejado nesta concepção de ensino era – saber fazer;

¹ Aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB nº (60529416.0.0000.0055/2016)

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

- ✓ as décadas de 50 e 60 são consideradas como uma segunda fase da aprendizagem, agora sob influência do cognitivismo. Esta é concebida como aquisição do conhecimento e o aprendiz é visto como alguém capaz de adquirir, armazenar e recuperar informações. A função do professor é contribuir para que o aluno melhore seus processos cognitivos, suas capacidades de memorização e o nível de domínio das informações acadêmicas. A meta é alcance do saber;
- ✓ após a década de 60 inaugura-se o terceiro momento influenciado pelo cognitivismo e pelas correntes ambientais e ecológicas e ainda com uma visão modificada do ser humano, alguém capaz de dá sentido às suas experiências, superando o mero reagir ao seu meio externo e o armazenar informações, aqui a aprendizagem é concebida como a construção do conhecimento. O aprendiz eleva-se ao status de construtor do conhecimento, com habilidades para aprender a aprender, interpretar o seu meio e a si mesmo estabelecendo relações satisfatórias sujeito-mundo.

Quanto ao termo estilo de aprendizagem este surgiu nos anos 70 distinguindo-se do estilo cognitivo no cenário acadêmico, enquanto a expressão estilo cognitivo referia-se as descrições teóricas e acadêmicas, estilo de aprendizagem, era empregado para aplicações práticas. Para Felder e Silverman (1996) as pesquisas sobre os estilos de aprendizagem evocam a atenção dos educadores para as diferenças individuais dos alunos, sinalizam quais são as preferências de aprendizagem dos discentes e catalisam discussões sobre as melhores estratégias didáticas. Estilos de Aprendizagem de acordo com Alonso e Gallego (2002), “são recursos cognitivos, afetivos e fisiológicos, que servem como indicadores, relativamente estáveis, de como os alunos percebem, interagem e respondem a seus ambientes de aprendizagem.”

Dentre as várias teorias dos estilos de aprendizagem e seus instrumentos de avaliação escolhemos aprofundar a Teoria da Aprendizagem Experimental de David Kolb desenvolvida em 1984, cujo objetivo é identificar as características de cada indivíduo como aprendiz e como ele aprende. Nossa escolha se justifica devido à mesma ter sido a mais adotada nas pesquisas brasileiras. Esta teoria desenvolveu quatro estilos de aprendiz: divergente, assimilador, convergente e acomodador. O público escolhido para as investigações de Kolb foi o universitário, por acreditar que este era dependente do sucesso permanente num mundo em constantes mudanças e seu êxito estaria condicionado às habilidades de examinar oportunidades e aprender com sucessos e fracassos. Em relação a tais experiências, Kolb (1976) desenvolveu um instrumento de mensuração denominado Inventário de Estilos de Aprendizagem (Learning Style Inventory / LSI).

Apresentada a Teoria dos Estilos de Aprendizagem vamos agora desenvolver um diálogo com Gilles Deleuze, filósofo francês do século XX, que realizou suas atividades de ensino e pesquisa em liceus (1948 a 1957) e depois nas universidades (1957 a 1987). Ele não escreveu especificamente sobre a educação, no entanto, parte significativa de sua produção explora temas emergentes em educação, suas obras questionam as ideias solidificadas sobre o fazer pedagógico e por isso, inspiram possíveis trajetórias.

Contrário às teorias dos estilos de aprendizagem, Deleuze em suas obras Proust e os Signos (1964/2003) e Diferença e Repetição (1968/2006), assegura que ninguém aprende nada com ninguém, logo se entende que ninguém ensina nada a ninguém. Ele afirma que não existe um método para ensinar e nem para aprender. Para não permitir dúvidas em sua teoria sobre o aprender Deleuze é muito enfático ao afirmar que o aprender é fazer com o outro e não como o outro, sendo apenas um imitador. O autor reforça que “não há método para encontrar tesouro nem para aprender, mas um violento adestramento, uma cultura ou paidéia que percorre inteiramente todo o indivíduo”. (DELEUZE, 2006, p. 159).

E por sua vez, ao aprendiz cabe fazer da educação dos sentidos uma potência para aprender o que só pode ser sentido. O aprendizado é um ato voluntário, pessoal, particular e intransferível. A aprendizagem não cessa com o saber, não faz obstáculo à continuidade do processo de diferenciação de si mesmo. Aprender a aprender é também e, paradoxalmente, aprender a desaprender. Trata-se de aprender a viver num mundo que não fornece um fechamento preestabelecido, num mundo que inventamos ao viver, lidando com a diferença que nos atinge.

Aproximando-nos da obra Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia – Vol.1 (1980/1995) de Gilles Deleuze e Félix Guattari surge à proposta de pensarmos a educação sob o aspecto rizomático. Que demanda quebrar velhos paradigmas relacionados à estrutura do conhecimento, tais como: a educação como mera reprodução de conhecimentos, de territórios, de formação moral e de instrumentalização, e embrenha-nos em um campo de experimentação e em espaços de variações criativas.

Falar em educação rizomática é caracterizar o modo como ela entende o conhecimento: complexamente interlaçado, emaranhado de opções e conhecimentos, que não se sabe sua origem e nem o seu destino. Esta modalidade de conhecimento não possui raízes, troncos, galhos ou folhas fundadoras, pois segundo Deleuze e Guattari o cérebro não é enraizado, assim sendo os neurônios não constituem um tecido homogêneo e contínuo.



Material e Métodos

Nossa pesquisa assume um caráter qualitativo e neste entendimento toma as colaborações e críticas dos autores no domínio da filosofia e no campo educacional para a crítica da noção de apreender, com a finalidade de apontar uma noção de estilo de aprendizagem que foge da relação dicotômica entre ensinar e aprender, tal como instituídas na educação moderna. Ao optarmos pelo método qualitativo queremos que o mesmo nos ajude a identificar nos alunos entrevistados os aspectos singulares dos sujeitos em sua forma de aprender; e o entendimento de como cada estudante aprende e como potencializa o desejo de aprender.

Após a elaboração do referencial teórico, num segundo momento empregaremos a pesquisa documental a fim de selecionarmos os dez alunos detentores dos melhores resultados acadêmicos do bacharelado em Administração do IFNMG - Campus Pirapora, integrantes das turmas dos 5º e 7º períodos de 2016.2, que vão colaborar com nossa pesquisa. Para tanto, faremos uma análise dos históricos escolares, elaborados e disponibilizados pela Secretaria Acadêmica, das respectivas turmas. Num terceiro momento, após a seleção dos alunos com os melhores resultados acadêmicos e da elaboração da entrevista que será semiestruturada faremos contato com os escolhidos para convidá-los a contribuir com nossa pesquisa. Na ocasião explicaremos os objetivos deste trabalho e a importância do mesmo para nossa comunidade acadêmica e científica. Feitos os convites e os mesmos sendo aceitos iniciaremos as entrevistas. As informações obtidas nestas entrevistas serão abordadas nas etapas da discussão de resultados e considerações finais desta pesquisa.

Resultados Parciais e Discussão

Nesta coleção de produções acadêmicas percebemos uma limitação, no que se refere à abordagem dada aos estilos de aprendizagem e seus instrumentos de avaliação, devido ao fato de muitos pesquisadores tratá-los como uma espécie de diagnóstico padrão a ser aplicado para os diferentes sujeitos desconsiderando completamente as potencialidades inerentes a cada ser. Ou seja, há um reducionismo dos indivíduos as classificações categóricas dos seus estilos específicos de aprendizagem.

Tal reducionismo se evidencia quando a pesquisa se ocupa em mapear os estilos de aprendizagem dos discentes com a alegação de buscar estratégias para o exercício da docência. Esta realidade se apresenta de forma clara quando, por exemplo, se utiliza na pesquisa o “Inventário de Estilos de Aprendizagem” de David Kolb (*Learning Styles Inventory – LSI*), e através do mesmo classifica-se os indivíduos em quatro modalidades de aprendizagem: divergentes, convergentes, assimiladores e acomodadores.

Outro agravante é o fato de muitas produções associarem os estilos de aprendizagem aos resultados de fracasso escolar, ou seja, segundo elas quando o professor não considera os estilos presentes em sala de aula e trata seus discentes de forma homogênea, isto é, querer que todos aprendam as mesmas coisas e da mesma maneira, os resultados obtidos não são positivos. Este aspecto para nós revela uma percepção equivocada no campo educacional por fazer a distinção entre ensino e aprendizagem como dois processos distintos, mas que em nosso entendimento, tomando como base a filosofia de Gilles Deleuze, fazem parte de um mesmo processo para os sujeitos que é o aprender.

Conclusão Parcial

A partir destas concepções entendemos o aprender como algo imprevisível, difícil de ser planejado, controlado e medido, por vezes obscuro ao próprio aprendiz, que nem sempre se percebe aprendendo. Portanto, não existem métodos para aprender, impossibilitando o planejar do aprendiz. O aprender acontece de maneira singular com cada aprendiz.

Referências

1. ALONSO, Catalina María; GALLEGO, Domingo José; HONEY, Peter. *Los estilos de aprendizaje: procedimientos de diagnóstico y mejora*. Madrid: Mensajero, 2002.
2. CERQUEIRA, Teresa Cristina Siqueira (2000). *Estilos de aprendizagem em universitários*. Tese de Doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, Br
3. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 1. São Paulo: Ed. 34, 1995.
4. DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2ª. Ed. Tradução de Antônio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
5. DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Tradução de Luiz Orlandi e Roberto Machado –Rio de Janeiro: Graal, 2ª Ed., 2006
6. FELDER, R. M.; SILVERMAN, L. K. *Learning Styles and Teaching Styles in Engineering Education*. *Engr. Education*, v.78, n.7, p.674-681, 1998.
7. FELDER, R. M.; SILVERMAN, L. K. (1996). *Learning and teaching styles in engineering education*. *Journal of Engineering Education*, v. 78, n. 7, p. 674-681. Disponível em: <http://www.ncsu.edu/~public/Learning_Styles.html>. Acesso em: 15 julho de 2016
8. KOLB, David. *A Experiential learning: experience as the source of learning and development*. Prentice-Hall Inc., New Jersey, 1984.
9. OLIVEIRA, Barros de, J. H.; Barros de Oliveira, A. M. (1996). *Psicologia da Educação Escolar I, II*. Coimbra: Livraria Almedina.